

Vidas em trânsito: a jornada do refugiado no poema *Refugee*, de Jon Veinberg (1987)

Lives in transit: the journey of the refugee in the poem "Refugee" by Jon Veinberg (1987)

PEDRO LUCAS NASCIMENTO CARNEIRO

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

E-mail: plucasncarneiro@gmail.com

Resumo: Este artigo teve por função examinar a jornada do refugiado no poema *Refugee*, do poeta contemporâneo estadunidense Jon Veinberg (1947-2017). Para tanto, fez-se uma análise bibliográfica em articulação com a crítica sociológica e perspectivas delineadas pelos estudos transnacionais. De tal modo, tendo em vista estabelecer um campo que fundamente nossas intervenções em relação ao tema em questão, recorreremos aos pressupostos de Di Cesare (2021), Kasprzak e Monteiro (2019) e Nkota (2018). Nessa perspectiva, essas fontes permitiram examinar, de maneira precisa, como a questão dos refugiados é discutida e abordada na expressão lírica de Jon Veinberg.

Palavras-chave: deslocamento forçado; poesia; refugiados.

Abstract: This article aims to examine the journey of the refugee in the poem "Refugee" by the contemporary American poet Jon Veinberg (1947-2017). To this end, a bibliographic analysis was conducted in conjunction with sociological criticism and perspectives outlined by transnational studies. In order to establish a field that underpins our interventions regarding the topic in question, we referred to the assumptions of Di Cesare (2021), Kasprzak and Monteiro (2019), and Nkota (2018). From this perspective, these sources allowed us to precisely examine how the issue of refugees is discussed and addressed in Jon Veinberg's lyrical expression.

Keywords: forced displacement; poetry; refugees.

A poesia é vista como uma das atividades artísticas mais antigas da humanidade, expressão profunda da experiência humana praticada desde os primórdios por meio da oralidade — considerada a raiz da disseminação da palavra poética do mundo. Conta Gênesis que, logo após a terra ser criada, o Deus cristão concedeu ao primeiro homem, Adão, o poder de nomear. Para os antigos hebreus, como bem assinala Bosi (2012, p. 132), o ato de dar nome às coisas significava, antes de tudo, tingi-las de sentido. Ao poeta então foi atribuído o mesmo dom de Adão: o poder da significação.

Durante sua longa história, a atividade poética tem sido alvo de inúmeras questões. Por vezes elogiada, exaltada pela sua força. Por vezes atacada, posta em condições marginalizadas. Com a ascensão das nuances objetivistas do mundo globalizado, a poesia tem sido cada vez mais relegada aos cantos escuros das bibliotecas, compelida à imagem de um mero produto destinado apenas ao deleite e cujo papel central não desempenha vínculo sequer com a vida. Frente ao cenário de crise

materializado em seu cerne, a atividade poética, como uma maneira de resistir e (re)encontrar seu lugar em um mundo cada vez mais reificado, necessita se reinventar a cada instante. Nesse processo contínuo, a arte, ao permear de maneira crítica a realidade, acolhe, ao seu escopo, inúmeros tópicos urgentes na esfera social, que, por sua vez, possibilita transgredir fronteiras, rasurar discursos e repensar cada vez mais a nossa quase despercebida condição humana.

Desse modo, muitos poetas hoje têm discutido e publicado suas obras situadas nos mais variados tópicos, que transitam em um fluxo plural entre questões políticas, de raça e gênero a temas como violência doméstica, feminicídio, direitos humanos e outros. Contudo, nesta produção, iremos nos ater, mais precisamente, ao tópico dos refugiados. Uma temática que, nos últimos anos, tem sido alvo de inúmeras discussões em diversas partes do mundo. Cita-se, como exemplo mais recente em que o debate veio à tona, a tragédia sem rosto do Mediterrâneo, ocorrida em junho de 2023. Segundo o jornal BBC News Brasil (2023), enquanto todas as atenções estavam direcionadas ao episódio envolvendo o submersível Titan, um barco com aproximadamente 700 refugiados e 100 crianças naufragou na costa sudoeste da Grécia, ocasionando um desastre com cerca de 500 vidas perdidas. Relegadas, as vítimas do naufrágio não obtiveram nenhum amparo por parte das autoridades locais, o que nos leva a refletir sobre a condição desses pares que, forçados ao deslocamento, reclamam por maior acolhimento humanitário em suas expressões universais.

Este artigo teve por função analisar a jornada do refugiado no poema *Refugee*, de 1987, de Jon Veinberg (1947-2017). Para tanto, o desenvolvimento desse estudo se fez por meio de pesquisa bibliográfica e pelas lentes da crítica sociológica e transnacional. Neste sentido, com intuito de estabelecer um espaço que fundamente nossas intervenções críticas ante ao tema em questão, recorreremos aos trabalhos de Di Cesare (2021), Kasprzak e Monteiro (2019) e Nkota (2018). Essas fontes permitiram examinar como o tópico dos refugiados é abordado na expressão lírica de Jon Veinberg.

O deslocamento forçado de milhões de pessoas em todo mundo tem levantado profundas reflexões sobre a condição humana e os princípios fundamentais inerentes a todos os seres: segurança, igualdade, diversidade e direito à vida. Essas questões transcendem as fronteiras locais e se tornam objeto de discussões e problematizações em diversas esferas globais. Ao se considerarem os fenômenos migratórios, é notório que os movimentos de deslocamento não são eventos recentes. Sua origem tem raízes na Antiguidade e remonta a fatores como nomadismo, invasões bárbaras e colonização — em que pessoas frequentemente se moviam por motivos ligados a conflitos armados, comércio, busca por terras férteis, conquistas e invasões territoriais, como se observa, por exemplo, na história da Grécia Antiga com os Dórios e do Reino Armênio da Cilícia com os mamelucos.

Entretanto, nos moldes contemporâneos, o que distingue as mediações migratórias e os movimentos de deslocamento forçado de uma época mais antiga para mais recente, como postula Di Cesare (2021, p. 29), é justamente a completa inserção do fenômeno aos parâmetros modernos. Logo, refletir sobre as migrações hoje é, antes de tudo, considerar as nuances do mundo globalizado, os efeitos do capitalismo tardio e os desafios étnicos, políticos e identitários. Nesse contexto, Nkota (2018, p. 96) ilustra que, no mundo moderno, os deslocamentos forçados ganharam novas proporções com as

duas guerras mundiais, que trouxeram consigo a migração forçada de uma estimativa de 60 milhões de pessoas afastadas de suas terras nativas.

Com o aumento do fluxo de pessoas refugiadas ao redor do mundo logo após o fim da *WWII*, como ilustram Kasprzak e Monteiro (2018, p. 46), surgiu a necessidade de buscar novos caminhos para resolver a questão que, até então, era vista como uma preocupação à comunidade internacional: o restabelecimento dos deslocados. Assim, em 1950, durante uma sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, foi estabelecido o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). Em 18 de julho de 1951, em Genebra, foi adotada a Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados, comumente referida como a Convenção de Genebra, um instrumento legal que constitui um quadro de proteção e direito desses pares que, por circunstâncias específicas, são compelidos ao deslocamento forçado. Entretanto, antes de discorrer a respeito de alguns pontos presentes na convenção, é necessário definir: quem são os refugiados?

No campo da etimologia, a palavra refugiado advém do latim “*refugium*”, que em livre tradução significa “refúgio”. O termo se apresenta intrinsecamente ligado ao conceito de asilo e descreve a ação de alguém que sai de sua terra natal em busca de segurança para salvaguardar sua vida de ameaças e perigos. De acordo com Nkota (2018, p. 97), com frequência costuma-se confundir o conceito de refugiado, pois a palavra, muitas das vezes, é erroneamente associada à ideia de criminosos, fugitivos, pessoas que abandonam seus países de origem devido a questões judiciais. Assim, com o intuito de evitar tais generalizações, a Convenção de Genebra propôs, ao termo refugiado, a seguinte definição: É refugiado toda pessoa que,

[...] em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele” (Convenção Relativa ao Estatuto do Refugiado, 1951, p. 02).

É importante ressaltar que, embora tenha sido um marco significativo no tratamento das questões dos refugiados, essa definição levanta alguns pontos interessantes ao que concerne às lacunas presentes. Logo nas sentenças iniciais, observa-se um ponto curioso: a restrição do uso do termo refugiado aplicado apenas àqueles que se encontravam fora de seu país de origem por razões ligadas a temores de perseguição antes de 1º de janeiro de 1951. Para além disso, é perceptível que alguns aspectos presentes na clarificação do conceito acabam por contemplar, de modo parcial, a dimensão atual em que os fenômenos migratórios como resultado do deslocamento forçado se encontram. Ela se concentra apenas a fatores de cinco ordens referentes à raça, opiniões políticas, nacionalidade, religião e grupo social, e não aborda completamente as outras razões significativas propícias para o abandono da terra natal, como ameaças socioambientais, violência de gênero, perseguições contra as minorias e as guerras.

A este último fator, Kasprzak e Monteiro (2018, p. 49) enfatizam que os conflitos armados são, na atualidade, o principal motivo responsável por conduzir milhões de pessoas a deixarem seus estados. No entanto, à medida que as migrações forçadas foram evoluindo, o direito de asilo se tornou mais restrito. Com as fronteiras restritivas impostas cada vez mais reforçadas, os métodos empregados pelo Estado-Nação para limitar o acesso daqueles que vêm de fora em busca do acolhimento necessário tem sido intensificado em larga escala.

Nesse espaço, como bem aponta Di Cesare (2021, p. 26), o conflito entre os direitos humanos universais e a divisão do mundo em Estados-Nação se desenrolam. Afinal, para o Estado, o migrante, o apátrida e o refugiado constituem uma espécie de invasor, uma anomalia capaz de desestabilizar por completo a ordem estadocêntrica. Assim, aquele que forçado ao abandono da terra ousa, sem sucesso, a cruzar, desafiar as fronteiras em busca de abrigo, frequentemente é condenado à imobilidade, ao aprisionamento e, até mesmo, à perda da vida. Os que por meio de suas facetas conseguem a inserção no meio social ao atravessar os limites territoriais impostos tornam-se alvos de inúmeras dificuldades que perpassam desde as barreiras linguísticas, os preconceitos, a assimilação até a xenofobia, a exclusão e a ausência de direitos civis básicos.

Desse modo, enquanto as mídias e as autoridades se esquivam ante a um problema que vem ganhando cada vez mais proporção na esfera social, a literatura de modo crítico e orgânico se apropria dessa questão de modo a explorar e a repensar as complexidades que beiram a figura dos refugiados. Nesse sentido, muitos poetas e escritores têm situado suas obras no *topos* das mediações migratórias como resultado do deslocamento forçado, lançando luz sobre os percalços enfrentados por esses pares que, impelidos pelo temor, necessitam buscar refúgio em terras estrangeiras. É o caso de Jon Veinberg, a quem iremos nos ater com precisão nos parágrafos seguintes.

Jon Veinberg (1947-2017) foi um poeta contemporâneo estadunidense nascido na Alemanha em 1947, anos depois de sua família ter fugido da Estônia após o controle Soviético da região. Por volta de 1950, ele e sua mãe, juntamente com sua irmã, migraram para os EUA e estabeleceram-se em Fresno, na Califórnia. Lá entrou em contato com a cena literária local e trabalhou com poetas como Philip Levine e Peter Everwine. Segundo Buckley (2021, p. 02), Veinberg forjou um corpo de escrita poética notável pelo seu alto teor imagético, de modo que a expressão lírica dos seus versos reflete, por meio de um profundo senso dramático, as vicissitudes da condição humana. A presença de tais traços se torna perceptível no poema intitulado *Refugees*, de 1987.

Publicado em julho de 1987 pela revista *Poetry Foundation*, *Refugees* reflete alguns dos percalços enfrentados pelos refugiados em suas longas jornadas em busca do acolhimento necessário. Sua composição lírica se caracteriza pela presença de quatro estrofes organizadas respectivamente em nove, onze, dez e quatro versos, estruturados majoritariamente em versos livres. Destaca-se, ainda, a presença de uma alta carga imagética e metafórica em várias expressões. Para além disso, é perceptível que a obra estabelece um diálogo entre duas vozes distintas. Uma delas permanece silenciosa ao longo de toda extensão do poema, enquanto a outra fala no tempo presente e traz consigo algumas memórias do passado, que simboliza uma espécie de reflexão subjetiva entre a persona lírica e seu subconsciente.

Refugee

Because you have outrun your enemies,
rooted potato into the slate ground of Estonia,
and during war
grenaded your neighbor' sheep
so your children's hungers
would only be vague ones;
will, once again, touch the bedsheets
of your birthplace
and think you can survive.

O poema é introduzido com uma afirmação: “*Because you have outrun your enemies,*”. Esse verso sugere que a pessoa a qual o sujeito lírico do poema se refere acabou de escapar dos seus inimigos. O termo *outrun* empregado pela voz poética indica um estado de fuga baseado na rapidez e agilidade, tendo em vista salvaguardar sua vida diante de uma ameaça significativa. No verso seguinte, uma expressão metafórica salta à vista: “*rooted potato into the slate ground [...]*” que, em livre tradução, significa plantar batatas em chão de ardósia, algo meramente impossível dado a incapacidade do solo em oferecer condições propícias para o plantio. Contudo, no contexto do poema, a expressão vem representada como símbolo de resiliência, com o intuito maior de descrever a superação dessa persona lírica diante das condições desafiadoras encontradas.

No curso do terceiro ao sexto verso, o leitor se defronta com a situação que fez o sujeito lírico escapar dos seus inimigos: a guerra. É por esta razão que a imagem do refugiado, como sugere o título, recai sobre essa figura, que, ao longo desse evento catastrófico, como apontam os versos seguintes, foi obrigada a lançar granadas nas ovelhas do vizinho de modo a manter não só a sua sobrevivência, como também a de seus próprios filhos — acometidos até então pela fome. Mais adiante no poema, é perceptível que um feixe de esperança repousa sobre esse sujeito. Assim, a expressão “*touch the bedsheets*”, mencionada por essa voz que se apresenta internalizada no plano mais íntimo dessa *persona*, indica esse desejo em retornar ao lugar onde ele nasceu, ao mesmo tempo que sugere a fé que esse sujeito mantém em sobreviver mesmo diante das adversidades encontradas nesse processo migratório.

Childhood and its rivers have crept up to you.
Still you can't believe it
When they tell you're dying.
You see your father carrying you
on his back, running like a miser
hoarding a bag of birds
on his shoulder. And at each clearing
he holds you up to the cold light,
rubs your shivering palms
till you thought the only purpose skin had
was to keep the blood inside.

Na segunda estrofe do poema, a voz lírica afirma para esse sujeito que “*Childhood and its rivers have crept up to you.*”. A expressão *rivers*, nesse contexto, vem empregada no sentido metafórico que, por sua vez, pode ser examinada por diferentes perspectivas. Associada à imagem da infância, o termo surge como uma analogia das lágrimas que transcorrem dessa *persona* em função das lembranças traumáticas resgatadas que foram vivenciadas ainda enquanto criança. Paralelo a tal ponto, é bastante significativa a argumentação trazida por Murray, Davidson e Schweitzer (2010), quando ilustram que os refugiados tendem a desenvolver maiores níveis de distúrbios psicológicos em comparação com a população em geral, devido às marcas, vivências, exposições e perdas que muitos enfrentam durante a infância e carregam por toda vida.

Para além disso, a expressão também indica uma mera transposição entre o tempo passado e o presente, revelando uma reflexão íntima acerca dos fatos que moldaram a vida desse indivíduo e que, de certo modo, ainda exercem influências diretas em sua fase adulta. Mais adiante no poema, a voz lírica afirma para esse sujeito o seguinte: “*Still you can’t believe it / When they tell you’re dying.*”. Esses versos simbolizam as possibilidades de risco de morte que os refugiados enfrentam ao longo de suas jornadas em busca de refúgio seguro e acolhedor. Apesar das adversidades, desafios e hostilidades sofridas por essas pessoas, muitas delas demonstram nutrir certa esperança e resiliência. No entanto, a realidade das ameaças diretas à vida é um fator inegável.

Entre o décimo terceiro e o vigésimo verso, é possível observar o resgate de algumas memórias vivenciadas por essa *persona lírica* ao longo dos anos de deslocamento forçado, as quais se revelam por meio de uma analepse. Nesse contexto, a voz poética evoca imagens como o pai que carrega seu filho nas costas e corre como um avarento para protegê-lo dos perigos e afastar as ameaças dos inimigos, bem como a luz fria que se ergue em cada clareira para manter o corpo dessa criança aquecido. Tais traços reforçam algumas, entre tantas outras situações, que são comumente vivenciadas pelos refugiados ao longo de sua jornada em trânsito por terras estrangeiras em busca do acolhimento humanitário necessário, o que torna o fenômeno uma espécie de jogo contínuo por sobrevivência. Esse aspecto também se apresenta muito bem delineado ao longo da terceira estrofe:

Because you have lived through boils
and gangrene, wept when your mule
popped its belly from hunger.
Because you robbed flour from the old,
closed the eyes of the dead,
then emptied their pockets.
Because your mother hired a fortune teller
to float your father’s ashes down the Narva
and for an extra ruble had her bless your name,
you think you can outlast your fate.

Flies will escort you to your death.
Baltic air will not chime. Birch
will not whiten or stiffen.
They’ll throw you in a basin. (Veinberg, 1984, p. 221).

Nesses versos, é perceptível que a voz poética se dispõe a encorajar esse sujeito refugiado por meio do reconhecimento das dificuldades enfrentadas ao longo de sua jornada de êxodo. Para tanto, afirma que ele sobreviveu a furúnculos e gangrenas, roubou farinha dos velhos e fechou os olhos dos mortos. A expressão “*boils and gangrene*” surge, nesse contexto, como uma maneira de descrever as condições precárias de saúde em que esse sujeito se encontrava. O ato de roubar farinha dos velhos, como sugere o verso “*you robbed flour from the old,*” indica a ação de garantir sua própria alimentação, mesmo que isso envolva tomar atitudes inadequadas, como furtar comida de outras pessoas. Já o ato de fechar os olhos dos mortos surge como uma maneira de reforçar a ideia de resistência e sobrevivência. Os mortos, nessa perspectiva, podem ser vistos como pessoas que se encontravam na mesma situação que esse sujeito, ou seja, em deslocamento forçado, situação de refúgio e busca pelo acolhimento humanitário necessário.

Sob tais perspectivas, observa-se, mediante tais descrições realizadas pela voz lírica, a complexidade que beira a figura do refugiado. Um sujeito híbrido, multifacetado, que adota inúmeras vertentes para resistir a hostilidades encontradas em seu percurso. No verso subsequente do poema, novas memórias são evocadas pela voz lírica. Assim, ele descreve a cena em que as cinzas de seu pai são lançadas no Rio Narva por um vidente contratado por sua mãe e menciona o pagamento de um rubro extra para abençoar, logo em seguida, o nome do filho. Esses versos sugerem uma busca por proteção espiritual e um resgate de rituais simbólicos que ampliam a esperança de sobrevivência e demonstram a resistência desses pares diante das adversidades encontradas durante essa jornada de deslocamento forçado.

No curso da última estrofe, percebe-se que uma sensação de desesperança marca presença entre os versos. O desejo do asilo, do recomeço da vida, do fim das hostilidades e os percalços enfrentados parecem adquirir uma distância do plano da realização. Assim, a voz lírica afirma para esse sujeito que as moscas irão acompanhá-lo até a morte, como sempre estiveram ao lado do seu corpo debilitado pelas marcas de uma existência suprimida, fome e adversidades. A expressão “*will escort you to your death*” empregada nesse contexto sugere que a situação atual em que esse refugiado se encontra não mudará, e a morte se apresenta cada vez mais próxima.

Adiante, a voz lírica alega para esse sujeito que “*Baltic air will not chime. Birch will not whiten or stiffen.*”. As imagens evocadas nesses versos indicam uma sensação de imobilidade, estagnação ou incapacidade de progresso. O termo “*Baltic*” empregado nessa passagem refere-se à região do Mar Báltico onde está situada a Estônia, país mencionado nos versos iniciais do poema. As bétulas que não branqueiam nem endurecem sugerem que as árvores não voltarão a ser como antes, ou seja, não mais adquirirá seu aspecto branco e com cascas grossas. Tais imagens trazem consigo uma ideia de saudade, uma sensação de que essa *persona* não mais retornará a sua terra natal, que, por mais que o refúgio seja alcançado e a nova vida recomeçada, as adversidades não cessarão por si.

Nesse sentido, a única saída encontrada para essa situação angustiante, como aponta a voz lírica, é a morte, sugerida através do verso final: “*They’ll throw you in a basin.*”. O substantivo “*basin*”, nesse contexto, pode ser examinado como uma metáfora

para um enterro apressado, sem caixão e/ou cerimônias. Uma imagem que denota o fim trágico ao qual os refugiados estão fadados, em especial ao desprezo e às condições desumanas sofridas ao longo desse processo de resistência às inúmeras dificuldades encontradas em suas longas jornadas.

Em síntese, diante de uma leitura detalhada do poema *Refugee*, de Jon Veinberg, conclui-se que a obra oferece uma visão profunda acerca da jornada dos refugiados e seus percalços encontrados para escapar de conflitos e adversidades. De tal modo, a expressão lírica dos versos de Veinberg nos conduz a uma reflexão profunda acerca da condição desses pares e demais desafios humanitários encontrados diante da crise migratória que acomete a modernidade. Nesse contexto, observa-se que a palavra poética desempenha um papel crucial em conscientizar os sujeitos acerca de uma questão premente na esfera social, ampliando as vozes daqueles que muitas vezes são relegados à margem. Assim, à medida em que adentramos nas complexidades e impactos do deslocamento forçado, somos convidados a refletir acerca das nossas práticas sociais intersubjetivas de modo a contribuir para um mundo mais justo e acolhedor.

REFERÊNCIAS

- ACNUR. **Convenção Relativa o Estatuto dos Refugiados**. Genebra, 1951.
- BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BUCKLEY, C. **Jon Veinberg**. Pleased to Meet: Introducing American Poets, 2021. Disponível em: <https://pleased2meet.com/home/jon-veinberg>.
- DI CESARE, D. **Estrangeiros residentes**: uma filosofia da migração. Belo Horizonte: Editora Âyné, 2021.
- IDOETA, P. A. Naufrágio na Grécia foi tratado 'como sendo desprovido de protagonistas e heróis', diz professora. **BBC News Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c1w49304z49o>.
- KASPRZAK, A. P.; MONTEIRO, R. C. A crise dos refugiados e a dignidade da pessoa humana. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, v. 14, n. 27, p. 41-64, 2019.
- MURRAY, K. E.; DAVIDSON, G. R.; SCHWEITZER, R. D. Review of refugee mental health interventions following resettlement: best practices and recommendations. **American Journal of Orthopsychiatry**, [S. l.], v. 80, n. 4, p. 576, 2010.
- NKOTA, K. Imigração forçada. In: SANTOS, G.; FLORIANI, N. P. (orgs.) **Migrações na América Latina contemporânea**: processos e experiências humanas. Curitiba: Editora UFPR, 2018.
- VEINBERG, J. *Refugee*. **Poetry**, [S. l.], v. 150, n. 4, p. 221, 1987.